

CLARICE LISPECTOR

filosofia e literatura

Coordenação de Maria Celeste Natário, Cícero Cunha Bezerra e Renato Epifânio

2021

Edição conjunta de:

Instituto de Filosofia da Universidade do Porto
Via Panorâmica s/n
4150-564 Porto

e

DG Edições
Av. D. Pedro V, 15 - 5.º Esq.º
2795-151 Linda-a-Velha

Composição e maquetagem: DG edições

Fotografia da capa: in “Portal da Literatura”

Impressão e acabamento: VASP DPS

ISBN: 978-989-53284-4-4

Depósito Legal:

Primeira edição: Novembro de 2021

DOI: <https://doi.org/10.21747/978-989-53284-4-4/clar>

O presente livro é uma publicação do Grupo de Investigação “Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal”, financiada por Fundos Nacionais através da FCT/MCTES – Fundação para a Ciência e a Tecnologia/ Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, no âmbito do Projeto do Instituto de Filosofia com a referência UIDB/00502/2020.

CLARICE LISPECTOR: DA CENTELHA DIVINA NA MATÉRIA À SALVAÇÃO NO ESPÍRITO

Marta David

“O que o humano mais aspira é tornar-se ser humano”

Clarice Lispector

Diz Clarice Lispector que “amar os outros é a única salvação individual que conhece: ninguém estará perdido se der amor e às vezes receber amor em troca”. Curiosamente, o surgimento da contracultura do New Age, que se insurge contra a sociedade capitalista e contra a guerra no Vietnã, é uma forma coletiva de buscar a salvação. Surgem os movimentos hippie, surge o por rock como forma de contestação, o pacifismo, o movimento verde, os ambientalistas, surgem formas coletivas de sobrevivência, que passam pela forma de relação do homem com o homem, mas também do homem com a natureza, a chamada ecologia sagrada.

Surgem também a nova psicologia e a nova ciência que assentam em novos paradigmas a partir dos quais o homem e o coletivo podem recorrer para explicarem a natureza, e os fenômenos da vida humana; surgem também determinadas posturas ante a religião, que se vai unir à ciência, nascendo desta ligação a física quântica que abre o consciente para além do racional, mergulhando no irracional. De acordo com a física quântica, o inconsciente do homem tem influência sobre o modo de percepção da realidade e age sobre esta, sendo que, deste ponto de vista, o homem ao colapsar o real, ao experimentar fora de si o que a sua subjetividade vê, está a criar uma realidade, tornando-se co-criador do universo.

Com a Idade do Aquário surge o *Next Age*, um movimento mais individualista, que abre caminho para uma boa recepção dos filósofos da religião que fazem livros de inter-ajuda. Com o *Next Age*, da Era Aquário, movimento não milinearista, a salvação não é coletiva é individual. Cada um tem de se salvar a si próprio. Mas essa possibilidade só é dada porque se parte do princípio de que a matéria é viva e tem uma alma; de que o homem tem um potencial divino não explorado que deve expressar através da meditação ou da prece. Para os Cristãos, a salvação está em Cristo, em descobrir Cristo em nós feito homem. Para os budistas, está em alcançar o samsara.

Ao atingir este estado de iluminação, o discípulo influencia positivamente todos aqueles que o rodeiam. Portanto, este caminho parte de uma salvação individual para uma salvação coletiva.

Tal como dizem os gnósticos, o homem é um ser divino criado por Deus e quando cai na matéria perde a semelhança e a luz própria da proximidade com o divino, mas mantém a imagem a partir da qual lhe é possível procurar a salvação. Esta verdade ontológica abarca a interrogação existencial do homem que sabe o que vive, mas se lhe perguntam quem é, talvez seja, como diz Lispector, demais. O homem projeta-se nas vivências que tem e só está apto para se reconhecer a si mesmo quando cai o véu que o separa da ilusão que é a realidade e encontra a sua mais profunda interioridade. Para os mesmos, a verdade tem de ser experimentada, dá-se o primado da experiência em detrimento da afirmação dos dogmas. O homem tem em si o germe da divindade.

Parece-me que a salvação é, de fato, individual, e não a partir de modelos coletivos e abstratos através dos quais o homem age, sem ter interiorizado e vivido dentro de si cada um dos ideais ou dos arquétipos. Tem como baliza fundamental a ideia de que tem um caminho a percorrer, que é feita de contrários verdadeiros, como dois pratos de uma balança, onde figurativamente tem de discernir, escolher e se equilibrar no caminho, no sentido de se realizar, não apenas como ser humano, mas como ser divino. Essa proximidade com o divino é o que o informa do seu sentido e seta que tem de seguir para sua evolução na terra, acreditando sempre que, tal como diz Clarice Lispector, “o que verdadeiro somos é aquilo que o impossível cria em nós”, é tudo aquilo que superamos, indo para além de nós mesmos, encontrando na senda da salvação linhas e segmentos de sentimentos, pensamentos e valores que estão para além do meramente humano, integrando-se na dimensão do divino e do espírito.

É essa a meta do encontro do homem consigo próprio, é esse o propósito divino, tal como foi o de Deus quando enviou o seu filho para ser gerado em Maria por ação do Espírito Santo. Maria que representa, assim, a confiança do espírito quando ele nos toca, para além de toda a interrogação e de toda a pergunta sem resposta. Numa visão cristã, alude à primazia do espírito sobre a matéria. Numa visão teosófica, o elemento feminino é tradução do espírito que está presente na matéria, permitindo que esta se reformule a partir de si própria. É Deus em nós. E encontrar Deus é encontrar o nosso próprio caminho que é a melhor maneira de lhe sermos fiel, confiando. É ser humano. E o que o ser humano mais aspira é tornar-se ser humano.

Esta busca da salvação é também a busca da verdade humana e divina. Diz Clarice Lispector que “enquanto tiver perguntas e não houver respostas continuará a escrever”. Escrever é como um diálogo, é um jogo de ténis, lances de bolas em forma de pergunta e resposta que indo limando as nossas dúvidas, tornam o caminho mais claro e translúcido. E o maior desafio que é lançado ao homem é que, sendo este feito de mudança, pode assegurar-se que é sempre o mesmo, com a certeza de que não será o mesmo para sempre, tal como diria a autora. Como as flores dum canteiro que em cada primavera nunca são as mesmas, ou as águas do leito de um rio que é sempre o mesmo sob águas impermanentes. Há certamente uma linha que faz sentido e sobretudo um sólido alicerce, a nossa alma, que se mantém firme. Como diria Clarice Lispector, “não temo nada, nem as chuvas tempestivas, nem as grandes ventanias soltas, pois sou o escuro da noite”.